

O IMPACTO DA LINGUAGEM EM ESTUDANTES COM AUTISMO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

THE IMPACT OF THE LANGUAGE ON STUDENTS WITH AUTISM IN ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL

EL IMPACTO DEL LENGUAJE EN ESTUDIANTES CON AUTISMO DE LA ENSEÑANZA PRIMARIA Y SECUNDARIA

Samantha Sena e PINTO¹
Isabel Cristina Rodrigues dos SANTOS²
Regiane da Silva BARBOSA³

RESUMO: A inclusão sempre foi uma necessidade para os alunos com autismo, deficiência ou que têm altas habilidades, contudo no século XXI, ainda há barreiras para se efetivar nas escolas regulares. Este estudo tem caráter bibliográfico e objetiva analisar a linguagem dos adolescentes com autismo do ensino fundamental II e médio e analisar as estratégias realizadas pelos professores em sala e como estes alunos estão sendo incluídos nas escolas regulares. Os resultados evidenciam que há poucos profissionais envolvidos com um ensino de qualidade para os autistas e que as principais dificuldades dos adolescentes autistas na escola foram: dificuldades para compreender o discurso dos outros, principalmente do professor; fazer a lição de casa e grande dificuldade de interação com os colegas, porém conseguiram desenvolver o vínculo com o professor e academicamente em algumas disciplinas, através de atividades interativas contextualizadas com os assuntos. Conclui-se que a escola precisa promover maior conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) para que estes alunos sejam acolhidos na escola e os professores consigam abandonar o método tradicional e se proponham a desenvolver outras formas de ensino, que incluam os alunos com autismo e os permitam aprender.

Palavras-chave: Autismo. Adolescente. Linguagem. Ensino Médio.

ABSTRACT: *The inclusion has always been a necessity for students with autism, disabilities or who have high skills however, even in the 21st century, it still finds barriers to be effective in mainstream schools. This study has a bibliographic character and aims to analyze the language of autistic adolescents from elementary and high school and analyze the strategies used by teachers and how autistic students are being included in mainstream schools. The results show that there are few professionals involved with quality education for autistic and that the main difficulties of autistic adolescents in school were: difficulties to understand the speech of others, especially the teacher; do lesson home and great difficulty interacting with peers, although they have been able to develop the bond with the teacher and academically in some subjects*

¹Especialista em Educação Especial pela UNIFACS. Pós-graduada em Neurociência da Educação e Reabilitação Cognitiva, UniFAHE. Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Federal da Bahia, Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-8952-4123>, E-mail: sam_senna@hotmail.com

²Pedagoga e Especialista em LIBRAS pela Faculdade Dom Pedro II. Graduada em Ciências Sociais pela UFBA, Salvador, Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-4107-9838>, E-mail: cris.drige@hotmail.com

³Doutora e Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pedagoga - Licenciatura Plena pela UFSCar. Professora Adjunta da UFBA, Salvador, Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-0305-902X>, E-mail: regiane.sbarbosa@gmail.com

through interactive activities contextualized to the subjects. It is concluded that the school needs to promote greater awareness about Autistic Spectrum Disorder (ASD) so that to be accepted into the school and teachers are able to abandon the traditional method and propose to develop other forms of teaching, which include students with autism and allow them to learn.

Keywords: *Autism. Adolescent. Language. High school.*

RESUMEN: *La inclusión siempre fue una necesidad para los estudiantes con autismo, discapacidad o altas habilidades, pero en el siglo XXI, todavía hay barreras para ser eficaz en las escuelas regulares. Este estudio tiene carácter bibliográfico y tiene como objetivo analizar el lenguaje de los adolescentes autistas en la Enseñanza Fundamental y secundaria, analizar las estrategias llevadas a cabo por los profesores en clase y cómo los estudiantes autistas están siendo incluidos en las escuelas regulares. Los resultados muestran que son pocos los profesionales que se ocupan de una enseñanza de calidad para adolescentes autistas y que las principales dificultades de los adolescentes autistas en la escuela fueron: dificultades para comprender el discurso de los demás, especialmente del profesor; hacer los deberes y gran dificultad para interactuar con los colegas, pero consiguieron desarrollar el vínculo con el profesor y académicamente en algunas asignaturas, a partir de actividades interactivas contextualizadas con los asuntos. Se concluye que la escuela debe promover una mayor conciencia del Trastorno del Espectro Autista (TEA) para que sean acogidos en la escuela y los profesores puedan abandonar el método tradicional y proponen desarrollar otras formas de enseñanza, que incluyan los estudiantes autistas y les permitan aprender.*

Palabras clave: *Autismo. Adolescente. Lenguaje. Secundaria.*

Introdução

O presente texto tem como tema a inclusão de estudantes com autismo em escolas regulares de ensino fundamental II e ensino médio, especificamente a linguagem utilizada por esses estudantes nesse contexto.

A linguagem para Vygotsky (2001, p. 10), está intrinsecamente relacionada com a elaboração do pensamento e com o significado da palavra. Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem se traduz pela elaboração do pensamento e pela emissão deste por meio da comunicação verbal, da escrita e dos gestos.

Para Bakhtin (1997) a linguagem pode ser concebida como a interação verbal, ou seja, ocorre na prática, no contato com o outro, através do compartilhamento de ideias entre as pessoas, fruto das relações dialógicas.

O autismo é um transtorno que afeta a linguagem do sujeito com manifestações ainda na infância, comumente antes dos três anos de idade e que traz grandes prejuízos à comunicação, intensa dificuldade para interagir com as outras pessoas, estereotípias,

além de outros problemas, porém ainda sem causa definida (ORRÚ, 2010). Atualmente, utiliza-se o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), porém neste estudo utilizamos o termo aluno com autismo para que seja enfatizado o sujeito e sua singularidade.

A linguagem é essencial para os seres humanos, porém está entre uma das maiores dificuldades das pessoas com autismo. A partir da linguagem é que o diálogo se torna possível, visto que se estabelece na relação entre o que se fala e o que se ouve. Por meio da linguagem o indivíduo consegue expor seus sentimentos, opiniões, falar dos pensamentos políticos e se manifestar a favor ou contra determinados assuntos. “A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão” (VYGOTSKY, 2001, p.11).

Os alunos com autismo enfrentam uma série de obstáculos para serem incluídos na escola, como dificuldades nas relações sociais, preconceito de colegas e professores, estes últimos por desconhecimento sobre o transtorno e sobre métodos mais eficazes para ensinar esse aluno, o que provoca grandes prejuízos ao aprendizado. Os alunos diagnosticados com Asperger, apesar de terem integridade do intelecto e se destacarem em diversas áreas, não dominam a linguagem, apresentam problemas para entender frases com duplo sentido, metáfora, problemas na prosódia, podendo causar estranhamento para quem ouve e prejuízos na fluidez do discurso.

Os alunos com autismo também são considerados público-alvo da educação especial, assim como os alunos com deficiência e os que apresentam altas habilidades/superdotação e possuem direitos ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno, que favorece um ensino inclusivo e amplia as oportunidades de aprendizagem, como prevê o decreto N° 7.611 de 2011 (BRASIL, 2011).

Conforme a Declaração de Salamanca, uma escola inclusiva é aquela que atua com práticas de ensino eficazes voltadas ao “desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança [...] e capazes de promover uma educação de alta qualidade a todas as crianças”, incluindo os alunos público-alvo da educação especial, que são as pessoas com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades (UNESCO, 1994).

Especificamente para os alunos com autismo, ressalta-se a lei N° 12.764 de 2012, conhecida como Lei de Berenice Piana, que protege o ensino desses alunos nas escolas regulares e autoriza a presença de um acompanhante especializado, quando necessário na escola (BRASIL, 2012).

Neste trabalho pretende-se analisar como os adolescentes com autismo são incluídos no ensino fundamental II e médio, bem como as estratégias de inclusão

utilizadas pelos professores, analisando os aspectos linguísticos destes alunos e as dificuldades enfrentadas para se comunicar e se inter-relacionar na sociedade.

O adolescente com autismo e a linguagem

A adolescência é a fase de transição para a fase adulta e na qual surgem diversas modificações no sujeito sejam no corpo, na voz e no comportamento; faz o adolescente reduzir o interesse por brinquedos, comuns à infância para desenvolver-se cognitivo e emocionalmente em diversos aspectos (EISENSTEIN, 2005; ROEHRS, MAFTUM, ZAGONEL, 2010).

O amadurecimento emocional dos adolescentes com autismo, difere daqueles com desenvolvimento típico de linguagem. Ressalta-se dificuldades para filtrar seus sentimentos como raiva e tristeza, que em conjunto com a fase da adolescência, podem influenciar ou agravar a agressividade e intolerância, gerando prejuízos à interação e ao desenvolvimento de suas relações sociais, principalmente no ambiente escolar, o que contribui com a propagação do discurso de que é difícil ensinar alunos com autismo.

Para Rapin e Tuchman (2009, p. 29) os adolescentes com autismo “podem apresentar inadequações permanentes no campo da conversação, [...] na compreensão de sutilezas da linguagem, como piadas ou sarcasmo, na interpretação da linguagem corporal, na entonação e na expressão facial”. Com base nestes autores, enfatiza-se que é essencial que pessoas com autismo, tenham acompanhamento com o fonoaudiólogo ainda na infância para que se desenvolvam na linguagem, melhorem a comunicação e interajam socialmente com pessoas da sua idade, seja na adolescência ou na fase adulta.

O aluno com autismo e a importância das adequações na escola

A escola é um espaço que proporciona aos alunos a aprendizagem e a convivência social com pessoas da mesma faixa etária. Conforme Dias (2017), as atividades lúdicas e descontraídas em sala de aula criam oportunidades de o aluno com autismo interagir com os demais colegas, o que impulsiona o seu aprendizado. Desta forma é importante que o professor desenvolva uma forma de ensino que consiga ampliar o desempenho desse aluno em sala.

Ressalta-se que oferecer o acesso à escola ao aluno com autismo ou o simples fato de saber seu diagnóstico não é suficiente para que se tenha em sala práticas

efetivamente inclusivas, torna-se necessário repensar as práticas em sala de aula e que seja construído o vínculo entre o professor e o aluno com autismo.

Barbosa, Buzetti e Costa (2019) recomendam que o professor, ao ensinar um conteúdo, tenha como prática o planejamento de atividades que estejam condizentes com o nível dos alunos, visando à expansão do aprendizado.

Conforme Barbosa, Buzetti e Costa (2019, p.21) as adaptações curriculares podem ocorrer através dos objetivos das atividades “a partir de um mesmo tema/contéudo o professor adapta o objetivo da atividade”, adequando ao grau de escolarização do aluno e as suas possibilidades, bem como através de objetos, a partir da inserção de recursos de tecnologia assistiva como “computador, pranchas de comunicação”, uma maquete e outros recursos visuais e interativos que possam melhorar a retenção do aluno com autismo pelo conteúdo ensinado.

Considerando a importância da adaptação curricular para a inclusão e em especial para a inclusão escolar do aluno com autismo, o presente artigo tem como objetivo geral: analisar a linguagem dos adolescentes com autismo do ensino fundamental II e médio, bem como analisar as estratégias realizadas pelos professores em sala para saber como estes alunos estão sendo incluídos nas escolas regulares.

Metodologia

Este é um estudo bibliográfico de natureza qualitativa e quantitativa. Gil (2008) define a pesquisa bibliográfica como uma análise de todo material disponível na literatura como livros, trabalhos nas bases de dados como os artigos científicos, teses e dissertações.

A análise de natureza quantitativa tem o escopo de analisar os dados referentes a uma realidade social de forma concreta e objetiva, com base em dados estatísticos (MINAYO,1993). Também foi realizada a análise qualitativa, que para Minayo (1993) visa a uma análise da subjetividade das ações de determinado grupo e das relações humanas e como estas podem influenciar a realidade.

O período escolhido para a busca dos estudos sobre o tema foi de 2017 a 2019, por serem pesquisas publicadas recentemente, que podem trazer maiores evidências de como está a inclusão de adolescentes com autismo na atualidade. A base de dados escolhida foi o Google Acadêmico, por apresentar número significativo de artigos

publicados com adolescentes através dos descritores: autismo, linguagem, adolescente, aprendizagem, Asperger, fonoaudiologia, fundamental, médio.

Este estudo pretende analisar os artigos encontrados conforme os seguintes aspectos: 1- analisar a linguagem do adolescente autista, quanto a sua comunicação, interação com os professores, bem como sua interação com os colegas e a compreensão dos alunos autistas. 2 – Identificar as estratégias utilizadas pelos professores em sala.

Este artigo segue a linha da hermenêutica, que conforme Demo (1995) traz o sujeito e a sua comunicação como papéis centrais para se analisar um contexto, um diálogo, a comunicação entre as pessoas. Esta linha traz preocupações com a fala não dita, os discursos não falados. Conforme Demo (1995, p.249) “a hermenêutica é a metodologia da interpretação da comunicação humana em toda sua complexidade e simplicidade”.

Foram utilizados os seguintes passos para a elaboração deste artigo: inicialmente foi realizada a busca dos descritores nas bases de dados e realizada a leitura dos títulos e resumos de todos os artigos encontrados e os que estiveram de acordo com os critérios definidos, foram também lidos: metodologia, resultados e a discussão para a elaboração das análises de forma qualitativa e quantitativa. Um quadro foi utilizado para agrupar os estudos selecionados, classificando-os conforme as adaptações realizadas com os alunos com autismo do ensino fundamental II e ensino médio. Foram também analisados o sujeito com autismo, a sua linguagem (interação, comunicação, compreensão), o adolescente com autismo de alto funcionamento e considerações sobre a inclusão de adolescentes com autismo na classe regular com base nos estudos encontrados.

Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram: trabalhos que relatassem estudos de casos desenvolvidos com adolescentes com autismo em instituições de ensino, nos períodos entre 2017 e 2019. Foram incluídas também as dissertações, visto que há uma escassez de artigos científicos que abordam a temática dentro dos critérios estabelecidos.

As bases de dados Scielo e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) foram excluídas, devido aos estudos encontrados não estarem de acordo com os critérios de inclusão. O embasamento teórico foi realizado através da abordagem sociointeracionista de Vygotsky (1991, 2001), Bakhtin (1997), de Reuven Feuerstein, a partir do estudo de Turra (2007), Orrú (2010) e Barbosa; Buzetti; Costa (2019).

Resultados e discussão

Foram encontrados 248 estudos na base de dados Google Acadêmico no período entre 2017 e início de 2019 e selecionados apenas 4 estudos que abordavam a temática, dos quais 3 se constituem por dissertações de mestrado publicadas em 2017 (2 estudos) e 2019 (1 estudo), vinculadas à Universidade de Brasília (UnB), à Universidade Federal de Pelotas (UFRGS) e à Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) em Bauru e também por 1 artigo científico, realizado em Duque de Caxias (RJ) e publicado na revista Continentes.

Foram excluídas revisões de literatura, artigos realizados com crianças, de entrevista com professores do AEE sobre inclusão, artigos sobre a legislação brasileira, sobre pessoas com deficiência visual, intelectual, surdez, paralisia cerebral e cujo enfoque eram os temas educação inclusiva, dislexia e TDAH, uma vez que estes temas não contemplam os critérios de inclusão anteriormente descritos.

O quadro 1 mostra as adaptações curriculares realizadas pelos professores dos estudos selecionados:

Quadro 1- Adaptações para Alunos Autistas do Ensino Fundamental II e Médio

ADAPTAÇÕES PARA AUTISTAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO			
Autor/ Ano de Publicação	Título	Escolaridade/ Disciplina	Adaptações realizadas
ERVILHA, GUILHERME CORTEZ. (2019)	Transtornos globais do desenvolvimento e a inclusão escolar: adequações curriculares para o ensino de História no ensino médio	Ensino médio/ História	-Flexibilidade para o aluno com autismo sair da sala em momentos de agitação e ansiedade. Objetivo: reduzir a ansiedade do aluno com autismo durante as aulas. -Compartilhamento das atividades passadas para classe ou para casa de forma oral. Objetivo: proporcionar ao aluno com autismo que pudesse participar ativamente, ainda que não tivesse respondido as atividades em casa e facilitar para o professor a avaliação dos conhecimentos do aluno sobre os assuntos estudados. -Uso de imagens e slides como recursos visuais sobre os assuntos de história. Objetivo: facilitar a compreensão do aluno com autismo.
			-Filme e análise fílmica

<p>DIAS, ANE MACIEL. (2017)</p>	<p>A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (Síndrome de Asperger): uma proposta para o ensino de Química.</p>	<p>Ensino Médio/ Química</p>	<p>pelos alunos sobre um menino que enfrenta dificuldades na escola por ter a síndrome de Tourette. Objetivo: promover a interação entre os colegas de turma e o aluno com autismo. -Um jogo de Trilha através de um tabuleiro com perguntas e respostas dos assuntos de química: reações químicas, estequiometria, funções inorgânicas e soluções. Objetivo: proporcionar o aprendizado dos alunos pelos assuntos de química e ajudá-los a se preparar para as avaliações. -Filme e análise fílmica sobre o filme “Uma lição de amor” sobre um homem com deficiência intelectual e baseado em fatos reais. Objetivo: promover melhora da auto-estima do aluno com autismo possibilitando que ele se perceba como uma pessoa capaz. -Quebra cabeça sobre reações químicas. Objetivo: melhorar a compreensão dos alunos sobre o assunto através de recursos visuais que poderiam ser manuseados por eles mesmos. Adaptações em outras disciplinas: História em quadrinhos sobre a corrupção no Brasil.</p>
			<p>Os alunos foram instigados a desenhar um mapa de sua casa. Objetivo: compreender a importância dos mapas para a sua vida e facilitar a introdução do assunto de geografia. -Foi construído um jogo de tabuleiro. Objetivo: facilitar a internalização de conceitos de orientação espacial, direção direita, esquerda, cima, embaixo e noções sobre norte, sul, leste e oeste. -Foram construídas uma</p>

DA SILVA, M.S; DOS SANTOS, C. (2018)	O Ensino de Geografia e os Mapas Mentais de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no Município de Duque de Caxias/RJ	Ensino Fundamental II/ Geografia	maquete da sala de aula e uma miniatura do armário da sala. Objetivo da maquete e da miniatura: utilização de materiais visuais concretos para propiciar aos alunos autistas apreender de forma concreta as noções do assunto escala. Facilitar percepção visão-espacial: horizontal, vertical e oblíqua. Compreender e internalizar conceitos de maior e menor; comparar miniaturas de objetos representados com seu tamanho real.
LEITÃO, ALEX BEZERRA. (2017)	Metáforas no país do espectro autista: um caso de ensino e aprendizagem de língua estrangeira	Ensino Médio/ Espanhol	-Compartilhamento de atividades passadas para casa de forma oral em sala. Objetivo: garantir que o aluno responda a atividade e permitir ao professor, saber o desenvolvimento do aluno em determinado conteúdo. -Diálogo entre os colegas ou com o próprio professor sobre as temáticas em espanhol. Objetivo: promover a interação entre os alunos e identificar o nível de conhecimento e vocabulário dos alunos em espanhol.

Fonte: Elaboração das autoras baseado nos estudos selecionados.

O estudo de Ervilha (2019), aborda a convivência de um aluno com autismo chamado André, durante os três anos do ensino médio na disciplina de história. Os assuntos estudados foram a crise de 1929, o presidente Roosevelt e regimes totalitários. O professor de história utilizava documentários, *Power point*, imagens e vídeos e também o estimulava através do compartilhamento das respostas de forma oral; técnica que obteve êxito, pois o instigava a participar das discussões das atividades, mesmo não tendo feito os exercícios em casa, fato que sempre acontecia. Esta técnica também é um excelente recurso para avaliar os conhecimentos dos alunos com autismo ou mesmo os que não apresentam o transtorno. Os outros professores de André não adaptavam as aulas, pois conforme o estudo, ele compreendia o conteúdo e demonstrava saber coisas sobre os assuntos que os outros não sabiam.

André, que apenas copiava, passou a fazer perguntas e a participar das aulas durante o 2º ano. As pessoas com autismo podem precisar de um tempo maior para se

acostumarem a uma nova escola e este processo pode ser mediado pelo professor para que o aluno seja acolhido também pelos colegas. Conforme relatado, o aluno André não gostava das aulas de artes e sobre as de educação física, participou apenas de algumas no último ano do ensino médio. O autor do estudo ressalta um momento em que o adolescente com autismo comentou em uma das aulas de história, que “não vivemos em uma democracia, pois há desigualdade entre todos” (ERVILHA, 2009, p.65). Este comentário de André reforça a ideia de que apesar das dificuldades, os alunos com autismo podem aprender, ter senso crítico e conseguir fazer reflexões sobre o que ocorre na sociedade, desde que sejam estimulados e incentivados a dar opinião sobre diversos assuntos.

Ressalta-se o estudo de Turra (2007) sobre o pensamento de Reuven Feuerstein em sua teoria sobre a Modificabilidade Estrutural Cognitiva definida como a “capacidade potencial do ser humano de transformar e de transformar-se, de ressignificar conhecimentos, conceitos, habilidades e atitudes”. Assim, pode-se dizer que pessoas com deficiências e/ou com autismo, poderão apresentar diversos problemas que afetam a linguagem, mas que podem se desenvolver cognitivamente e nos aspectos concernentes a linguagem a partir da introdução e da manutenção de estímulos, que envolvam a interação, o lúdico e a comunicação, ou seja, a linguagem expressa, que contribuirão significativamente no desenvolvimento e aprendizado.

Nesta perspectiva, o professor se torna um aliado do desenvolvimento de alunos com autismo ou que apresentam alguma deficiência, por ser alguém capaz de promover na criança ou adolescente o interesse pelo assunto. Assim, enfatiza-se que o vínculo entre professor e aluno com autismo é fundamental para que este se desenvolva na escola de forma sadia e consiga ter bom desempenho escolar. Esta postura do professor cria grandes possibilidades para o aluno com autismo, podendo facilitar a internalização dos conteúdos e contribuir para a expansão do desenvolvimento intelectual dele.

O estudo de Dias (2017) sobre o ensino de química, realizado em uma escola regular de ensino público na cidade de Pelotas, aborda dois estudos de casos de alunos com autismo chamados de A1 e A2, estudantes do 2º ano do ensino médio. A1 tem 17 anos, tem o diagnóstico de autismo (Asperger) e esquizofrenia, usa medicação e é acompanhado por profissionais de saúde. Estuda na atual escola, desde o fundamental II, é calmo e conforme relatado, é amável e esperto, porém quando chateado, se nega a conversar; interage bem com os professores, gosta de desenhar e fazer histórias em quadrinhos, a família o apoia nas atividades escolares e isso o ajuda a ter autoconfiança.

A2, colega de turma de A1, já teve vários diagnósticos além do autismo, deficiência intelectual e danos neurológicos, tem 21 anos e é muito tímido, usa boné para evitar olhar para as pessoas, “tem muita dificuldade em trabalho em grupo”, tem baixa frequência na escola e isso compromete ainda mais a sua compreensão sobre os assuntos. Em uma das faltas, a escola foi informada que foi por ele ter visto casos de incêndio a ônibus em outra cidade pela TV e que estava inseguro para sair de casa. Apesar de já ter 21 anos, A2 foi incluído neste estudo por envolver casos de 2 alunos com autismo da mesma turma e trazer riqueza de detalhes em relação a sua linguagem e comunicação, referindo aspectos sobre as concepções que os alunos com autismo têm de si mesmos, o desempenho acadêmico e por serem beneficiados com as adaptações.

Segundo Dias (2017), as estratégias de ensino para melhorar a compreensão dos alunos com autismo nos assuntos de química, foram realizadas em conjunto com a professora do AEE e ocorreram através de adaptações de alguns assuntos como a evolução dos modelos atômicos, funções inorgânicas e reações químicas. Foram usados jogo da memória de química com o nome dos compostos e fórmulas correspondentes; um cartaz com as fórmulas para fixação, jogos de trilha, quebra cabeças sobre reações químicas, seminário e os filmes “Uma lição de amor” e “O primeiro aluno da classe”.

Durante o seminário, a professora precisou intervir, pois os colegas de A1, por acharem que ele não conseguiria falar, finalizaram o seminário sem lhe dar espaço para que falasse. Após a intervenção da professora e do sermão nos alunos, enfatizando que todos têm dificuldades e potencialidades, A1 apresentou e todos perceberam que ele foi surpreendentemente maravilhoso, já que desenvolveu sua fala sobre o assunto com riqueza de detalhes e sem usar recurso do tipo “papel lembrete”. Sabendo de seu talento para desenhar, pediram que fizesse desenhos sobre o tema para exporem na escola.

A atitude dos colegas de A1, evidencia o quanto o preconceito às pessoas com autismo está presente na sociedade, bem como a dificuldade dos colegas em perceber que ter autismo não é sinônimo de incapacidade, que o preconceito distancia ainda mais as pessoas com autismo das outras e aniquila as oportunidades desse perceber-se como os outros e de estar inserido entre pessoas de sua idade.

Além disso, é importante destacar a postura da professora descrita no relato, pois por conhecer seu aluno e conseqüentemente as potencialidades dele, deu espaço para que ele mostrasse seu conhecimento aos colegas e participasse da avaliação, assim como todos os alunos da turma, esse exemplo mostra uma atitude compatível com a perspectiva inclusiva de educação.

O estudo de Silva e Santos (2017) foi realizado em duas escolas municipais de Duque de Caxias-RJ com 7 alunos com autismo, dos quais 5 eram do 6º ano do ensino fundamental e tinham entre 12 e 13 anos e 2 alunos do 7º ano com 13 e 14 anos de idade. A professora de geografia, com o objetivo de ensinar e incluir os alunos com autismo no ensino de cartografia, utilizou diversos recursos que envolviam os conhecimentos dos alunos e coisas do cotidiano para fazê-los apreender o conteúdo, como desenharem um mapa de suas próprias casas para trabalhar a importância dos mapas, bem como para avaliar suas habilidades e noções de espaço, lateralidade, abstração, memorização e a percepção visual sobre orientação vertical e horizontal. Foram utilizados também jogo de tabuleiro para trabalhar noções de direção e facilitar as noções de norte, sul, leste e oeste; conceitos de maior e menor para construir uma miniatura do armário da sala e de uma maquete, representando a sala de aula para que os alunos com autismo pudessem apreender de forma concreta noções de escala.

Considerando que pessoas com autismo são mais visuais, o estímulo através destes recursos se torna uma excelente forma de se ensinar, visando maior absorção dos conteúdos, assim como a clareza nas informações e a objetividade nas explicações, que também facilitam um melhor desempenho em sala (BARBOSA, BUZETTI, COSTA; 2019).

Nota-se que os estudos de Silva e Santos (2017) e de Dias (2017) se destacaram ao demonstrarem múltiplas possibilidades em realizar adaptações em sala de aula para contemplar e envolver também os alunos com autismo e que são possíveis de serem realizadas a partir de recursos visuais, que podem ser explorados pelo professor em sala. Vygotsky (1991) enfatiza a mediação do outro, e neste caso o professor, que irá mediar o desenvolvimento da atividade para que o aluno possa fazer analogias e correlacionar o que já conhece com o conteúdo ensinado. Enfatiza-se para os professores que têm alunos com autismo, a importância de elaborar estratégias de adaptações em sala de aula e investir em diversos recursos a partir de materiais mais atrativos e que sejam amplamente explorados em sala de aula, juntamente com o que o aluno já conhece, pois irá facilitar a absorção de novas informações, que poderão gerar maiores possibilidades de os alunos autistas alcançarem o aprendizado.

Leitão (2017) relata as produções acadêmicas de Igor, um aluno com autismo que iniciou seus estudos em língua estrangeira aos 12 anos e que aos 17 anos, já tinha uma ótima produção em espanhol, conseguindo se expressar muito bem neste idioma. Contudo a dualidade que se estabelece entre ser criança e ser adolescente, se confundem

na psiquê do estudante Igor, que em sua percepção, ser adolescente se resume a não querer mais brinquedos; como no relato de que em seu aniversário de 15 anos, resolveu escolher uma capa para celular, por não se considerar mais criança, porém ele escolheu um tema bem infantil, a Galinha Pintadinha. É bastante complexa para o adolescente autista esta transição, pois apesar de existir um desejo de se comportar como os outros da sua idade, há também uma vontade de permanecer com seus interesses infantis.

Igor apresenta também problemas para entender a intencionalidade das pessoas, se sentindo muito desconfortável por não conseguir entender as piadas dos colegas ou quando alguém lhe faz perguntas. Após uma explicação sobre uma atividade, Igor estava muito inquieto, ao perceber, o professor questiona-o “se ele sabia o que era para ser feito”, porém Igor não entende que o objetivo do professor era ajuda-lo e responde “que era para escrever”, continuando com a dúvida sobre a atividade; somente após ter sido questionado de novo de forma direta se sabia “o que era para ser escrito”, ele pede que o professor o ajude (LEITÃO, 2017, p.67).

Este relato mostra as dificuldades de compreensão e comunicação comuns a alunos com autismo, que podem passar por dificuldades no desempenho acadêmico por não conseguirem expor suas dúvidas, compreender o discurso do outro e responder adequadamente às indagações das pessoas, que envolvem tanto aspectos semânticos, quanto o uso da linguagem, ou seja, a pragmática.

Para Bakhtin (2006, p.96) “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Porém, é comum as pessoas com autismo possuírem grande inabilidade para compreender a relação entre o que é dito e a mensagem que se quer passar, principalmente quando esta não é dita de forma direta e objetiva.

O processo de compreensão do discurso para Vygotsky (2001) vai além da decodificação de palavras, tem relação também em saber as motivações da outra pessoa em proferir tal discurso. A pessoa com autismo tem muita dificuldade em compreender o discurso expresso pelo outro, por não saber ou não compreender o sentido deste ou a intenção do outro ao dizer alguma coisa e isto conseqüentemente o faz ter dificuldades em compreender ironias, discursos de duplo sentido, metáforas entre outros.

Assim, cabe ressaltar que às vezes, uma explicação dada pelo docente, pode ser facilmente compreendida pelos outros alunos, mas pode ser insuficiente para o aluno com autismo. É recomendado ao professor que tem um aluno com autismo em sala, ter o hábito de questionar de forma clara e objetiva se este compreendeu a atividade ou

assunto, pois eles, geralmente, necessitam que exista um esforço e iniciativa do outro para que consigam se desenvolverem na linguagem. O dia-a-dia na escola de um aluno com autismo, seja este criança ou adolescente, prescinde de uma reestruturação das técnicas do professor, de adaptações nas atividades e na forma de passar os conteúdos escolares e que o docente assuma uma postura de mediador em sala de aula, que contribua para a expansão do desenvolvimento cognitivo do aluno com autismo.

Foram relatadas tanto por Dias (2017), quanto por Leitão (2017) as dificuldades dos alunos com autismo com a escrita. No primeiro estudo, a escrita de ambos os alunos A1 e A2 ocorre de forma lenta para a idade, já no estudo de Leitão (2017), o aluno com autismo, Igor não realiza as atividades em casa, responde-as de forma oral, como também é permitido pelo professor que ele saia da aula para digitá-las na sala de recursos em vez de escrevê-las na sala de aula, como fazem os seus colegas.

É preciso considerar que o aluno com autismo, que está fora da sala está perdendo um tempo precioso, que poderia estar sendo aproveitado em seu aprendizado, enquanto seus colegas estão em aula, ele está perdendo a oportunidade de interagir com os colegas e apreender os conteúdos, de escutar as explicações do professor ou ouvir os questionamentos dos colegas sobre possíveis dúvidas, que o ajudaria a compreender o assunto, contudo ele está sendo privado destes momentos por não estar na sala.

Conforme Ervilha (2019, p.42) sobre a linguagem e a comunicação de André foram citadas:

dificuldades para se expressar verbalmente e apresentava déficits na área de habilidades sociais. Apresentava um vocabulário sofisticado embora se comportasse como um adolescente retraído e pouco falante. Seu discurso demonstrava falta de variação no tom, na intensidade e no ritmo, com um tom bem formal. Em relação às frases com duplo sentido, apresentou dificuldades na compreensão (Ervilha,2019, p.42).

Estes dados presentes no estudo de Ervilha (2019) corroboram com o estudo de Belisário Junior e Cunha (2010) sobre os problemas na linguagem de pessoas com autismo relacionados à compreensão, ritmo e entonação, ou seja, problemas na prosódia.

O aluno André não tinha uma boa relação com seus colegas, que o evitavam, pois já teria tido um “surto” em sua escola anterior em que ameaçou agredir a professora e antigos colegas, assim como na escola atual, que ficou furioso e teve um surto de agressividade verbal para com a professora em dois momentos: antes e após tê-lo mandado à coordenação, devido a professora não ter tomado uma atitude mais do que

verbal, após seus colegas colarem em prova. Foi suspenso e passou a fazer as avaliações na coordenação e os colegas orientados a falarem com ele, apenas se ele tivesse a iniciativa, contudo considerando as características do TEA, isso dificilmente aconteceria. É importante que alunos com autismo, com características de agressividade sejam acompanhados por psicólogos e a escola ofereça um acompanhante terapêutico para contribuir com a interação deles com a professora e com os colegas de turma.

O aluno A1 também com TEA, difere muito do comportamento de André em sala, já que é calmo e seus colegas não têm medo dele. Um aspecto interessante da vida de A1 é seu interesse por uma menina de outra turma, que acredita que é sua namorada, por dar flores todos os dias a ela. Sabendo do interesse da menina por pagodeiros, pesquisou na internet e descobriu que costumam usar bonés e passou a usá-lo todos os dias. Sua mãe e as professoras o fizeram desconfiar que poderia ser apenas amizade; então ele conversou com a menina, deixando-a escolher “entre um beijo ou um abraço”, após ela ter lhe dito “que queria um abraço de amigos”, ele deixou de usar boné, pois entendeu que não eram namorados, mas continuou presenteando-a por gostar dela (DIAS, 2017, p.85).

No caso do aluno A2, ele acha que não pode namorar e afirmou que o motivo é por ele ser “diferente”. Nota-se a necessidade de A2 ter exemplos de pessoas que acreditam nele e em seu potencial. Destaca-se a atitude da professora em promover para a turma dos alunos A1 e A2, filmes e análise fílmica, que retratam as dificuldades de alunos público-alvo da educação especial como “O melhor aluno da classe”, que aborda um menino que enfrenta problemas na escola por ter síndrome de Tourette. Fica evidente a sensibilidade da docente no desenvolvimento socioemocional dos alunos e a consciência do potencial dos seus alunos com autismo.

A1 e A2 fizeram uma analogia entre o filme e suas próprias vidas e durante o relato verbalizado, cada um apresentou uma visão diferente sobre si mesmo, o primeiro se vê capaz de alcançar seus objetivos na vida; porém A2 comparou o filme “Uma lição de Amor” consigo mesmo e afirmou que não se percebe capaz de constituir uma família por ser visto como “diferente”. É preocupante a percepção do aluno A2 sobre si mesmo, ele tem baixa autoestima, já que é estigmatizado pelo padrasto, se sente insatisfeito pela forma como é tratado em casa, que difere de sua irmã mais nova, que é adolescente, já que esta tem maior autonomia para sair de casa, inclusive em passeios da escola (negado a ele pela família), enquanto A2 está restrito a sua casa, escola e igreja, gerando

conflitos emocionais no aluno e uma dificuldade de se ver como capaz, de desenvolver a autoconfiança e de reconhecer suas potencialidades.

O afeto e o vínculo da família são primordiais para que o aluno com autismo tenha um desenvolvimento emocional sadio e se perceba como uma pessoa autoconfiante e capaz.

Algumas pessoas com autismo, que desenvolvem grande habilidade, a exemplo de se comunicarem em outros idiomas podem ser consideradas como Asperger. O bilinguismo português-espanhol de Igor do estudo de Leitão (2017), incentivado por sua família, é notável, visto que se expressa dentro do contexto, inserindo vocábulos aprendidos nas aulas, além de escrever textos em espanhol. Igor aprendeu a ler e escrever aos 6 anos com letra cursiva, surpreendendo sua professora, que inicialmente não acreditava nele. Atualmente, Igor responde de forma sistemática ao que lhe é perguntado em espanhol, interage com o docente, participa de atividades em grupo e diferente de André do estudo de Ervilha (2019), seus colegas não demonstram ter medo dele.

Alguns autores como Silveira et.al (2015) referem que o ensino de línguas pode ser benéfico no desenvolvimento da linguagem de pessoas com autismo, pois pode facilitar o aprendizado, proporcionar uma maior aceitação e assimilação de regras gramaticais e sintáticas das línguas pelo aluno com autismo. O ensino de línguas contribui também para a memória, para a cognição e para o desenvolvimento de competências comunicativas, estimulando o diálogo e ampliando suas relações sociais tanto na escola, quanto em outros ambientes.

Destaca-se o notável desempenho de Igor em espanhol e sua habilidade para desenhar, evidenciando o grande potencial das pessoas com autismo e enfatizando que ele passou por uma série de profissionais: fonoaudiólogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo e também equoterapia, que contribuíram significativamente para que ele tivesse um maior desenvolvimento da comunicação oral e escrita e para que conseguisse se expressar, inclusive em outras línguas.

A análise dos relatos encontrados sobre a linguagem de alunos com autismo incluídos no ensino regular demonstra que é preciso ir além do diagnóstico de autismo e para que o ensino se torne inclusivo, o professor deve desenvolver suas aulas de forma interativa, que tenham o impacto de envolver toda a turma e que consigam promover a expansão do interesse e desenvolvimento intelectual dos alunos com autismo.

Considerações finais

Os estudos analisados, apesar de abordar diferentes disciplinas, envolvem professores comprometidos com o ensino inclusivo e que percebem o aluno com autismo com amplas possibilidades; os quais são estimulados a partir de diversos recursos que fazem com que as manifestações do autismo possam ser colocadas de lado e que se perceba que ali tem um sujeito, uma vida, uma história que pode ser transformada a partir da sensibilidade do docente em olhar o aluno através de suas potencialidades, indo além do diagnóstico.

As escolas precisam abordar o preconceito às diferenças e sensibilizar os alunos adolescentes sobre os direitos das pessoas com deficiência, com autismo e com altas habilidades/superdotação, sejam através de trabalhos escolares, peças de teatro desenvolvidas pelos próprios alunos, de gincanas, feiras acadêmicas entre outros trabalhos interdisciplinares, pois assim, eles terão maiores oportunidades de terem a sensibilidade e chances de desenvolverem concepções mais adequadas sobre o TEA, sobre as pessoas que apresentam deficiências e altas habilidades/superdotação.

Nota-se diversos problemas enfrentados pelos adolescentes com autismo no espaço educacional, como a dificuldade para compreender os assuntos abordados pelos professores, a difícil relação entre os colegas e diferentes percepções sobre si mesmos, bem como o grande empenho de alguns docentes para tornar o ensino inclusivo e trazer melhores perspectivas a dura realidade vivenciada por estes alunos, que envolvem problemas de compreensão dos conteúdos, dificuldade de interação com os colegas e o preconceito por ter uma forma de aprender, que difere da maioria dos alunos.

Destacamos a escassez de estudos que abordem as adaptações realizadas com adolescentes com autismo nas instituições de ensino, pois este é um dado que traz evidências sobre diversos problemas que podem coexistir nas escolas regulares em que estão os alunos com autismo, como a ausência de adaptações na maioria das escolas, a falta de um olhar diferenciado para as necessidades de aprendizado desses alunos e de investimentos em metodologias para promover o ensino de qualidade para os alunos com autismo e que também há pouco ou nenhum conhecimento por parte dos professores sobre o autismo e de como introduzir um ensino mais inclusivo, assim como a suspeita de que estes alunos estão apenas nas escolas regulares somente por não poder ser negado a estes o acesso, mas permanecem segregados no espaço educacional.

Nota-se que há muitas possibilidades de fazer um adolescente com autismo aprender, percebidas através dos estudos encontrados, uma vez que muitos professores não se conformaram com aquilo que viam e buscaram criar formas de adequar seus conteúdos aos alunos presentes e de forma lúdica, possibilitando ao aluno com autismo se envolver, divertir e aprender junto e de forma que esse aprendizado tenha maiores chances de serem retidos pelos alunos, inclusive os que não apresentam transtornos ou deficiências, do que através dos métodos tradicionais de ensino.

Enfatiza-se que o aluno com autismo é uma pessoa que precisa encontrar-se na interação de outras pessoas da sua idade para que ele tenha a oportunidade de espelhar em seus colegas, criar vínculos com as pessoas da escola para que a sua permanência, seu processo de aprendizado e as suas relações no ambiente escolar possam fluir de forma saudável. Salientamos também que, apesar das dificuldades dos alunos com autismo, fica evidente que a linguagem contribui para o aprendizado e interação deles em sala de aula, o que impacta no sucesso ou insucesso escolar.

Referências

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal: Mikhail Bakhtin**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARBOSA, R.S; BUZETTI, M.C; DA COSTA, M.P.R. **Educação especial, adaptações curriculares e inclusão escolar: desafios na alfabetização**. São Carlos: Pedro&João, 2019.

BELISÁRIO FILHO, J.F; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará. Brasília, 2010.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>.

BRASIL. **Decreto Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DA SILVA, M.S; DOS SANTOS, C. O. Ensino de Geografia e os Mapas Mentais de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no Município de Duque de Caxias/RJ. **Revista Continentes**,[S.l.], n. 11, p. 94-126, abr. 2018.Disponível em: <<http://www.revistacontinentes.com.br/continentes/index.php/continentes/article/view/175>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

DEMO, P.**Metodologia científica em Ciências Sociais**.3ª ed. São Paulo:Atlas S.A, 1995.

DIAS, A. M. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (Síndrome de Asperger):uma proposta para o ensino de Química. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas,2017. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4051>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Rev. Adolescência & Saúde**.Vol. 2, nº 2. Jun.2005.Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em 25 Jun. 2019.

ERVILHA, G.C. Transtornos globais do desenvolvimento e a inclusão escolar: adequações curriculares para o ensino de História no ensino médio. **Dissertação** (Mestrado). 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/182055>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. Editora Atlas SA, 2008.

LEITÃO,A.B. Metáforas no país do espectro autista: um caso de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) UnB, Brasília, 2018. Disponível em:< <http://repositorio.se.df.gov.br/handle/123456789/1042>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**.18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORRÚ, S.E. Síndrome de Asperger: aspectos científicos e educacionais. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 53, n. 7, p. 1-14, 2010. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/3459Orru.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RAPIN, I; TUCHMAN, R. F. Onde estamos: Visão Geral e Definições. In: **Autismo: abordagem neurobiológica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 17 – 34.

ROEHRS, H; MAFTUM, M. A; ZAGONEL, I.P.S. Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v.44,n.2,p.421-428, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000200026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Jun. 2019.

SILVEIRA, S.N et.al. A criança com autismo e o aprendizado da língua inglesa: caminhos que se entrelaçam. **8º Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**.v.8,n.1.2015.Disponível em:

<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1454/380>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SOUZA, S.J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 1994.

TURRA, N.C. Reuven Feuerstein: experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. **Educare et Educare Revista de Educação**. Vol. 2 n°4 jul./dez.2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1671/1358>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem: L. S. Vygotsky**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Enviado em: 15/03/2020

Aceito em: 16/12/2021.

Publicado em: 31/12/2021